

DIVERSIDADE CURRICULAR DAS CIÊNCIAS HUMANAS: O CEMITÉRIO COMO PROPOSTA DE INTERDISCIPLINARIDADE

Thiago Nicolau de Araújo*

RESUMO:

O artigo tem o objetivo de apresentar o Cemitério como espaço educacional, religioso e artístico que pode ser utilizado como tema gerador e norteador que auxilie de resgate de uma proposta interdisciplinar no currículo do ensino nas diversas áreas das Ciências Humanas. A partir da última década do século XX no Brasil intensificou-se o debate sobre a validade dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), definidos pelo Ministério de Educação e sua aplicabilidade nas diferentes realidades escolares presentes no país. Desse modo, faz-se necessário apresentar aos alunos a utilidade prática dos assuntos desenvolvidos nas diversas áreas das ciências humanas, seja na disciplina de História, de Geografia, de Arte, de Sociologia, de Filosofia, de Ensino Religioso e de Teatro. Desta maneira, acreditamos que é de extrema importância o resgate desse aluno por meio de um assunto que possa gerar a curiosidade, o aprendizado, o desenvolvimento de múltiplas habilidades, o pensamento filosófico, a consciência religiosa e a contemplação artística. Assim apresentamos o cemitério como um recurso prático-pedagógico curricular para as aulas das Ciências Humanas.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade cultural. Cemitérios. Interdisciplinaridade.

INTRODUÇÃO

Pensar em novas estratégias de ação para professores e teólogos do século XX que atuam com adolescentes¹ do século XXI não é apenas um desafio a ser vencido, mas uma necessidade a ser suprida. Desenvolvemos essa reflexão uma vez que trabalhamos com formação de professores em nível de pós-graduação e como docentes de escolas do ensino básico na região sul do Brasil, e, dessa forma, conseguimos perceber e pensar em novas estratégias de ensino que possam auxiliar o docente em suas práticas educativas e que despertem o interesse do discente em aprender.

* Thiago Nicolau de Araújo. Doutorando na área de Teologia e História da Faculdades EST. Bolsista CNPq. Orientador: Dr. Wilhelm Wachholz. e-mail: thiago@novaformacultural.com

¹ A proposta foca a ação com o adolescente justamente por ser um período da vida no qual se configuram e se estruturam as identidades do indivíduo, que tem como princípio a contestação daquilo que é pré-determinado. Também julgamos que o tema é delicado demais para ser desenvolvido com crianças, uma vez que estas devem ser consideradas no seu contexto cultural.

A aplicação da teoria, para análise do adolescente está calcada nos estudos de Contardo Calligaris que trabalha com o desenvolvimento do adolescente na atualidade. Também se utilizou os estudos de Zygmund Bauman que trabalha com o conceito da sociedade líquida e seu medo diante do morrer e com Edgar Morin, com a temática da morte e a sociedade contemporânea. Por fim, para o desenvolvimento de uma metodologia de projetos utilizamos Kelma Matos que trabalha com a questão docente em sala de aula. O embasamento teórico para construção do projeto educacional veio da obra de Harry Bellomo – *Cemitérios no Rio Grande do Sul: arte, sociedade e ideologia*.

1 A (IN)VISÍVEL GUERRA ENTRE O SÉCULO XX E O SÉCULO XXI

O professor do século XX apresenta dificuldades para acompanhar o aluno do século XXI. A linguagem é diferenciada, a forma de comunicação é diversificada, as relações são compartilhadas e os interesses não são comuns, a única coisa que une esses dois indivíduos é o teto que os abriga: A ESCOLA.

Na chamada sociedade líquida, voltada para o hedonismo e consumismo, o distanciamento entre o docente e o discente está cada vez mais aparente. Ambos os lados reclamam do comportamento, da falta de paciência, pela falta de afinidade e o pior pela falta de motivação de estarem dentro do mesmo espaço físico: A SALA DE AULA.

O docente reclama da falta de interesse dos discentes e os discentes reclamam da falta de utilidade nos temas apresentados por seus docentes. O docente reclama da falta de conhecimento dos discentes e os discentes reclamam da falta de interatividades dos docentes. O que mais se fala no espaço escolar é sobre a “*falta de algo*” e dificilmente se discute sobre a *construção* de alguma coisa, indo assim contra o ideal de uma escola que é partilhar, motivar e desenvolver novos saberes.

Pensando nisso, buscamos algo em comum entre o docente e o discente: o medo de falar sobre a morte. Esse tema foi nosso grande agregador de novas ideias e experiências dentro do ambiente escolar. Para isso, utilizamos o espaço cemiterial como local de resgate de elementos que tragam uma construção de identidade comum para todos. Somos todos seres finitos, independente da classe social, fé e

cultura, assim, pensar sobre a finitude pode resgatar “o que falta” entre docente/discente.

2 COMO O ADOLESCENTE PERCEBE A ESCOLA

Perguntar para um aluno o que ele pensa sobre a escola deveria ser uma regra para o início do ano letivo. Não há mais como pensar numa escola para alunos do século XXI sem ouvir o referido aluno do século XXI. Já se sabe o quanto o adolescente, é, por natureza, instável, questionador e com uma grande capacidade de aprender aquilo que o interessa. Então surge o questionamento: quando a escola vai dar voz para aquele que passa dentro desse ambiente mais tempo do que passa em sua casa?

A pesquisadora Kelma Matos em sua obra *Juventude, Professores e Escola: Possibilidades de encontros* comenta sobre o adolescente dentro do espaço escolar e o quanto a escola está se afastando do seu próprio público alvo, assim como os professores que não estão conseguindo atingir a atenção de seus alunos por não compreendê-los e por não adaptar as aulas de acordo com a necessidade de turma em que se atua. Para reforçar a necessidade de adaptação, Matos utiliza o pensamento de Madeira²:

[...] se a escola não for sensível ao que efetivamente significa ser jovem hoje, será uma escola incapaz de manter os jovens no sistema [...]. Os jovens pobres e ricos, desejam uma escola em que consigam aprender, mas que também seja um espaço agradável, onde possam encontrar amigos, ouvir música e namorar. É preciso, cada vez mais, que a equipe escolar procure conhecer a sua clientela, construindo um ambiente adequado às suas características e interesses.

O espaço escolar e os professores do século XX não estão conseguindo se adaptar ao adolescente do século XXI. A comunicação está falha e o jogo de poder entre ambos os lados está gerando uma batalha sem vencedores. Não há como pensarmos numa educação integral sem desenvolvermos uma pedagogia integral que realmente atinja o adolescente que hoje mais se preocupa com a sua vida virtual do que real.

² MATOS, Kelma Socorro Lopes de. *Juventude, Professores e Escola: Possibilidades de encontros*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003, p. 123.

3 CEMITÉRIO E ENSINO

Pensar em trazer novas temáticas e diferentes abordagens de ensino é uma necessidade, ainda mais que estamos lidando com uma geração de múltiplas capacidades, com excesso de informação, mas completamente sem direção e direcionamento, principalmente na sua relação com os preceitos de valores sociais. Nesse sentido surge a necessidade do trabalho com projetos, e nesse estudo de caso, com a temática cemiterial.

O cemitério revela diferentes representações sociais, sendo fonte reveladora das posições da população local perante a morte. Os epitáfios, as fotos e a decoração das sepulturas revelam como o morto é visto pelo seu grupo familiar e social, geralmente de forma idealizada. Conforme a idade, as visões da morte assumem aspectos diferentes. Assim, conforme Harry Bellomo³, as necrópoles podem ser analisadas como:

- Fonte histórica para preservação da memória familiar e coletiva: Levando em conata que a memória coletiva é fundamental para a formação da identidade e da coesão da família ou da comunidade, a análise das inscrições, fotos, datas, títulos (doutor, comendador, etc.) e dados pessoais ou profissionais, nos leva a conhecer a atuação das várias gerações e o processo histórico local;
- Fonte de estudo das simbologias das crenças religiosas: As inscrições, símbolos, estátuas, pinturas nos mostram a religiosidade local e a relação existente entre religião e morte. Cristos, anjos, crucifixos e estátuas de santos nos revelam a visão cristã e as devoções mais comuns da região analisada;
- Forma de expressão do gosto artístico: As obras de arte funerárias nos revelam muito do gosto artístico vigente na época em que foram compostas, indicando as preferências particulares e públicas;
- Forma de expressão da ideologia política: Muitos túmulos celebram a memória de um personagem que possuía atribuições políticas na sociedade através da estatuária, de inscrições ou textos que representem a ideologia política da época

³ BELLOMO, Harry R. (Org.). *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: EDIPUCS, 2000, p. 16-18.

em que foram construídos, com o intuito de ressaltar as qualidades do modelo político em que estavam inseridos e refletir a ideologia oficial do Estado;

- Forma de preservação do patrimônio histórico: Por conter obras funerárias de renomados artistas (como Adolf von Hildebrand, Leone Lonardi, André Arjonas, Décio Villares, entre outros), os cemitérios podem ser uma forma de se preservar o patrimônio histórico-cultural de uma região, tornando-se desse modo “museus ao céu aberto”;

- Fonte de preservação das identidades étnicas: Analisando os nomes das famílias e as fotografias, podemos saber a origem e a etnia dos habitantes da área. No caso, podemos constatar a presença majoritária, nos cemitérios de Porto Alegre, de famílias de origem italiana, alemãs ou lusobrasileiras.

Dessa forma, as possibilidades educacionais que os *Campos Santos* oferecem são consideravelmente grandes, oferecendo inclusive a abordagem de diversos temas transversais. Como afirma Bellomo, “os cemitérios são uma das fontes escritas e não-escritas mais ricas que o historiador tem ao seu dispor para conhecer uma região.”⁴

Outra utilização do cemitério como ferramenta educacional é a criação de Projetos disciplinares ou Interdisciplinares. Para Vasconcellos “a educação, no autêntico sentido, qual seja, enquanto processo de humanização e personalização, de construção de identidade e cidadania, implica sempre em práticas (realização) que estão permeadas por algum nível de referência reflexiva (elaboração), tanto no que diz respeito à orientação da atividade (plano de ação) e à intencionalidade (finalidade), quanto de interpretação de um dado contexto (realidade)”⁵.

Por ser um espaço de amplas possibilidades, ele possibilita o desenvolvimento de projetos tanto na área de ciências humanas quanto na área de ciências biológicas e exatas. Pensando numa organização prática de planejamento, utilizaremos uma metodologia intitulada “Pedagogia Cemiterial” criada por Rigo⁶, conforme demonstrado abaixo:

⁴ BELLOMO, Harry. Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia. 2000. p. 18.

⁵ VASCONCELLOS, Celso dos S. Planejamento-Projeto de Ensino – Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico. São Paulo: Libertad, 1999. p. 124.

⁶ RIGO, Kate Fabiani. O cemitério como fonte de inspiração cênica. In: Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, 2011, Salvador. V ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS CEMITERIAIS, 2011. CD-Rom.

- Sondagem de interesse com a turma escolhida para a realização do cemitério como mediador de conteúdos curriculares.
- Apresentar à turma a relação existente entre o conteúdo desenvolvido e o uso do cemitério.
- Estabelecer um contato visual entre os alunos e o espaço cemiterial por meio de imagens fotográficas, considerando que muitos alunos jamais entraram em um cemitério.
- Pedir uma análise pessoal sobre o que pensava e o que pensou sobre o cemitério após a explicação sobre a pesquisa cemiterial e a sua relação com o conteúdo selecionado.
- Visita guiada ao cemitério local.
- Debate dirigido no cemitério para estabelecer um momento de aprendizado mútuo.
- Debate dirigido e relatório sobre a visita no cemitério no espaço escolar.
- Organizar com os alunos alguma culminância que envolva a pesquisa de campo a fim de apresentar a todos o resultado desta prática educativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o passar desta prática em sala de aula acreditamos que a pesquisa cemiterial não deve ficar apenas na discussão acadêmica, mas sim que ela deve ser difundida a alunos do ensino fundamental (séries finais) e do ensino médio a partir das aulas de História, Religião, Filosofia, Sociologia, Arte e Teatro. Esta prática fará com que consigamos atrair a atenção De docentes e discentes para que o aprendizado seja significativo e interessante na área das Ciências Humanas que normalmente são tachadas como disciplinas teóricas e desinteressantes aos novos olhares da sociedade pós-moderna.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Thiago Nicolau de. *Túmulos Celebrativos de Porto Alegre: múltiplos olhares sobre o espaço cemiterial (1889 – 1930)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Medo Líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.

BELLOMO, Harry R.(org.) *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: EDIPUCS, 2000.

BORGES, Maria Elizia. *Arte funerária no Brasil (1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto*. Ribeirão preto. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002.

CALLIGARIS, Contardo. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2011.

GASPARETTO, Paulo Roque. *Midiatização da religião: Processos midiáticos e a construção de novas comunidades de pertencimento*. São Paulo: Paulinas, 2011.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. *Juventude, Professores e Escola: Possibilidades de encontros*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

MORIN, Edgar. *O Homem e a Morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. In: Morin, Edgar. *Os princípios do conhecimento pertinente*. São Paulo: Cortez, 2000.

RIGO, Kate Fabiani. O cemitério como fonte de inspiração cênica. In: Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, 2011, Salvador. V ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS CEMITERIAIS, 2011.

VASCONCELLOS, Celso dos S. *Planejamento-Projeto de Ensino – Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico*. São Paulo: Libertad, 1999.